

# OPHIUSSA

REVISTA DO CENTRO DE ARQUEOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

ISSN 1645-653X  
E-ISSN 2184-173X



CENTRO DE ARQUEOLOGIA  
DA UNIVERSIDADE  
DE LISBOA

uniarq

5 - 2021

# Cerâmica estampada britânica em Portugal (1780-1920). Identidade, domesticidade e relações

British transferware in Portugal (1780-1920).  
Identity, domesticity, and relations

**TÂNIA MANUEL CASIMIRO**

HTC/IAP NOVA FCSH

[tmcasimiro@fcsch.unl.pt](mailto:tmcasimiro@fcsch.unl.pt)

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-9471-6194>

**INÊS CASTRO**

NOVA FCSH

[donaines.castro@gmail.com](mailto:donaines.castro@gmail.com)

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-6311-5388>

**TIAGO SILVA**

NOVA FCSH

[Tiago.w-w@outlook.com](mailto:Tiago.w-w@outlook.com)

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-8348-3711>

**RESUMO:** A cerâmica estampa britânica, cuja produção se iniciou em meados do século XVIII, surge nos contextos arqueológicos portugueses por volta de 1780. A partir daí a sua presença é constante, ainda que de formas diferentes, em diversos sítios. O propósito deste artigo é a realização de uma primeira abordagem ao tema, não só debatendo sobre um tipo de produção que é comum nos contextos arqueológicos em Portugal, mas como ele reflecte quotidianos, comportamentos e sistemas relacionais de comunicação semiótica e ideológica. Para esse efeito foram analisados quatro sítios arqueológicos em Lisboa, Almada e Grândola.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cerâmica estampada; relações comerciais; século XIX; quotidianos.

**ABSTRACT:** British transferware, a production that started in the mid-18<sup>th</sup> century, starts to be recognized in Portuguese archaeological contexts around 1780. From that moment onwards its presence is constant although in different amounts, depending on the sites. This paper aims to debate the presence of this ware in Portuguese archaeological contexts and how it reflects daily life, behaviors, and ideological and semiotic uses. With that purpose in mind four archaeological sites were analysed in Lisbon, Almada and Grândola.

**KEY WORDS:** transferware; commercial relations; 19<sup>th</sup> century, daily lives.

## 1. INTRODUÇÃO

O estudo de conjuntos cerâmicos é frequente em Portugal. Os mais comuns referem-se a sítios arqueológicos em particular, contabilizando formas e decorações em aproximações analíticas e comparativas na perspectiva da integração cultural. O propósito deste artigo, partindo também ele das materialidades cerâmicas, é uma aproximação holística ao consumo doméstico das sociedades mais recentes tentando uma interpretação comportamental e semiótica com base nas relações entre pessoas e objectos debatendo consumo, género e identidade doméstica (Díaz-Andreu *et al.*, 2005; Pohl – Mehofer 2010). O estudo de comunidades não se faz apenas através das pessoas e das suas materialidades. A variabilidade ontológica permite dar valores *ex aequo* a materialidades, pessoas, animais, plantas, paisagens e sítios onde todos se combinam na compreensão de diferentes comunidades e onde agentes humanos e não-humanos interagem na criação de um sistema social e cultural (Harris 2012: 77).

Até muito recentemente a Arqueologia de cronologias mais recentes, sobretudo depois do cataclismo de 1755, era raramente considerada em Portugal. À excepção da Arqueologia Industrial, talvez porque as suas edificações marcavam de forma inegável a paisagem, o interesse científico em contextos domésticos dos séculos XIX e XX poderá classificar-se como inexistente. As razões deste desinteresse são complexas e difíceis de sumariar em poucas palavras, mas generalizou-se a ideia de que quanto mais recente um contexto/sítio, menos interesse teria a prática arqueológica. Hoje este panorama encontra-se parcialmente ultrapassado e ainda que cronologias mais recentes estejam ainda longe de suscitar interesse generalizado na comunidade arqueológica, a escavação e registo de contextos contemporâneos já não se encontra comprometida.

Não obstante o recente interesse, são ainda raros os trabalhos que abordem as domesticidades contemporâneas, que neste trabalho colocamos entre os finais do século XVIII e os inícios do século XX, numa perspectiva arqueológica. Os poucos trabalhos que existem são recentes. Contudo, ainda é reduzido o número de estudos desenvolvidos sobre as materialidades destas épocas mais recentes, sobretudo quando articulados com as questões sociais, políticas e ideológicas (Casimiro – Sequeira 2020; Leão 2021) e ainda

comprometidos por uma falta de divulgação generalizada. Esta situação faz com que o debate arqueológico e teórico sobre o tema, do ponto de vista da importância social, se encontre ainda a dar os primeiros passos (Casimiro – Sequeira 2019).

Como mencionado, uma das grandes abordagens da Arqueologia em Portugal é a das materialidades, sobretudo conjuntos cerâmicos. Contudo, também esta aproximação sofre de uma escassez de investigação em contextos contemporâneos, reflexo do já mencionado desinteresse. Este não é o panorama internacional onde as arqueologias dos séculos XIX e XX têm-se desenvolvido sobre uma miríade de assuntos, inclusive o estudo da cerâmica estampada britânica, o que ocorre um pouco por todo o mundo. A cerâmica estampada corresponde a uma produção cerâmica revestida a esmalte estanífero branco. Distingue-a das outras produções o facto de a decoração ser efectuada através de uma estampa, ou seja, um papel gravado com óxidos metálicos através de uma placa de metal que era depois colocado sobre a peça e levado ao forno, permitindo assim um desenho delicado repleto de pormenores que, devido à placa original poder fazer centenas de estampas, poderia ser produzido em série.

O início da sua produção ainda se encontra envolto em dúvidas, mas é assumido que foi em Inglaterra que se iniciou a partir da década de 50 do século XVIII, generalizando-se a sua produção não só a Inglaterra, mas também ao País de Gales e Escócia, o que nos leva a generalizar a sua designação a cerâmica estampada britânica. Uma geração depois era já uma das produções mais bem-sucedidas do globo com a produção massiva de objectos exportados para todo o lado. O processo foi-se espalhando pela Europa chegando a diversos países no continente. Portugal não foi excepção. Começa a ser produzida em Portugal cerca de um século depois da sua invenção. Ainda que muitas tenham sido as fábricas responsáveis por este processo, em especial nas zonas de Lisboa e do Porto, a unidade fabril mais reconhecida em Portugal foi a Real Fábrica de Sacavém, o primeiro local onde esta cerâmica foi produzida (Assunção 1997).

O seu estudo na Grã-Bretanha tem sido generalizado e efectuada tanto por arqueólogos, historiadores de arte e mesmo coleccionadores. Do ponto de vista da arqueologia a abordagem é efectuada não apenas relativamente à sua importância nas dinâmicas

domésticas britânicas (Brooks *et al.* 2015; Crooke 2015), mas também relativamente ao comércio mundial e utilização noutros locais nomeadamente a América do Sul e a Austrália (Brooks 2005; Schávelzon 2015; Brooks *et al.* 2019; Otte, 2019; Floor e Otte, 2019). Recentemente diversos trabalhos têm sido relacionados com a forma como estes objectos podem ser úteis no estudo de diversas identidades que ocupam espaços domésticos (Flexner – Ball 2016). Muitos destes estudos têm sido facilitados por uma extraordinária ferramenta online, a base de dados do *Transferware Collectors Club*. Aqui podem ser encontrados todos os tipos de cerâmica conhecida numa plataforma de fácil acesso e actualizada cada vez que surge um padrão desconhecido.

Relativamente a Portugal a publicação destes objectos é rara e feita apenas, até ao momento, no âmbito da publicação de contextos onde estas peças surgem (Araújo – Oliveira 2020; Capote *et al.* 2020; Casimiro *et al.* 2020). O presente artigo tem como propósito um estudo exclusivo dos mesmos. Contudo, esta análise é necessariamente focada na região de Lisboa e Setúbal, local onde a nossa investigação se desenvolveu. Ainda não estamos em condições de fazer um apanhado do que se passa em todo o país. Assim, o presente trabalho não consegue traçar uma perspectiva que distinga entre o norte e o sul e o interior ou litoral do país. A zona norte, sobretudo no litoral, cujas relações com a Grã-Bretanha eram mais vincadas, poderá apresentar dados que poderão ser confrontados com a zona mais a sul e mostrar diferentes comportamentos de consumo. Adicionando a esta limitação geográfica importa ainda referir que a maioria dos contextos aqui mencionados podem ser considerados urbanos, pelo que as conclusões apresentadas carecem de serem confrontadas com contextos rurais. Também não incluímos nenhum contexto insular, nomeadamente os Açores e a Madeira, ainda que a cerâmica britânica seja abundante em ambos arquipélagos, num modelo de ocupação europeia. Infelizmente também não temos dados sobre o consumo de cerâmica estampada britânica nas colónias portuguesas, sobretudo em territórios africanos, tentando compreender se o modelo de exploração colonial reproduz o comportamento do consumo europeu ou se a variedade ontológica desses territórios se reflecte na forma como estes objectos são utilizados.

## 2. A CERÂMICA EM CONTEXTO

Foram seleccionados quatro sítios arqueológicos cujas cronologias abordam a amplitude temporal da presença de louça estampada britânica em Portugal entre os finais do século XVIII e os inícios do século XX (Fig. 1). A escolha destas cronologias reflecte não apenas o momento de maior importação destes objectos, mas a datação dos sítios estudados.

É possível que a cerâmica estampada vinda da Grã-Bretanha tenha sido importada desde a década de 1750, como uma novidade produtiva, contudo desconhecemos qualquer contexto onde tenha sido identificada. Quatro sítios arqueológicos irão necessariamente fornecer uma visão limitada, sobretudo quando estamos perante contextos arqueológicos que correspondem sobretudo ao século XIX, onde as sobrevivências materiais e as possibilidades de interpretação são gigantescas. Contudo, acreditamos que a natureza social díspar destes sítios nos pode ajudar na formação de ilações que terão interesse na compreensão do uso destes objectos.

Ainda que não abordados de uma forma exaustiva serão aqui também mencionados outros locais, sobretudo na área urbana de Lisboa. O desenvolvimento do interesse desta equipa no estudo destas materialidades levou a que diversos colegas arqueólogos nos façam chegar constantes informações sobre estes achados.



FIG. 1 Mapa com a localização dos locais mencionados no texto.



**FIG. 2** Pratos recuperados na Rua Latino Coelho. No topo “boy ridding a bufalo”.

O sítio mais antigo, aquele que datámos entre 1780 e 1820, encontra-se localizado na cidade de Almada, mais concretamente na Rua Latino Coelho (Casimiro *et al.* no prelo), escavação efectuada pelos arqueólogos do Museu Municipal de Almada. Do ponto de vista estrutural corresponde aos restos de uma cisterna abandonada nos inícios do século XIX. No seu interior foram encontradas evidências de uma vivência quotidiana ligadas sobretudo, mas não exclusivamente, à alimentação. A quantidade de garrafas de vidro, copos e objectos ligados ao consumo de álcool fez os investigadores responsáveis por este estudo concluir que se tratava muito possivelmente de um estabelecimento que serviria bebidas alcoólicas, entre outras actividades. A louça que considerámos como de servir à mesa corresponde a 93 objectos (NMI), dos quais 25 são taças e 68 pratos. A louça é maioritariamente produzida na Grã-Bretanha correspondendo ao comumente designado *pearlware* e *creamware*, combinada com um número reduzido de peças de produção nacional. A louça estampada britânica corresponde a 17 objectos que se dividem em quatro chávenas, nove tigelas/taças e quatro pratos (Fig. 2).

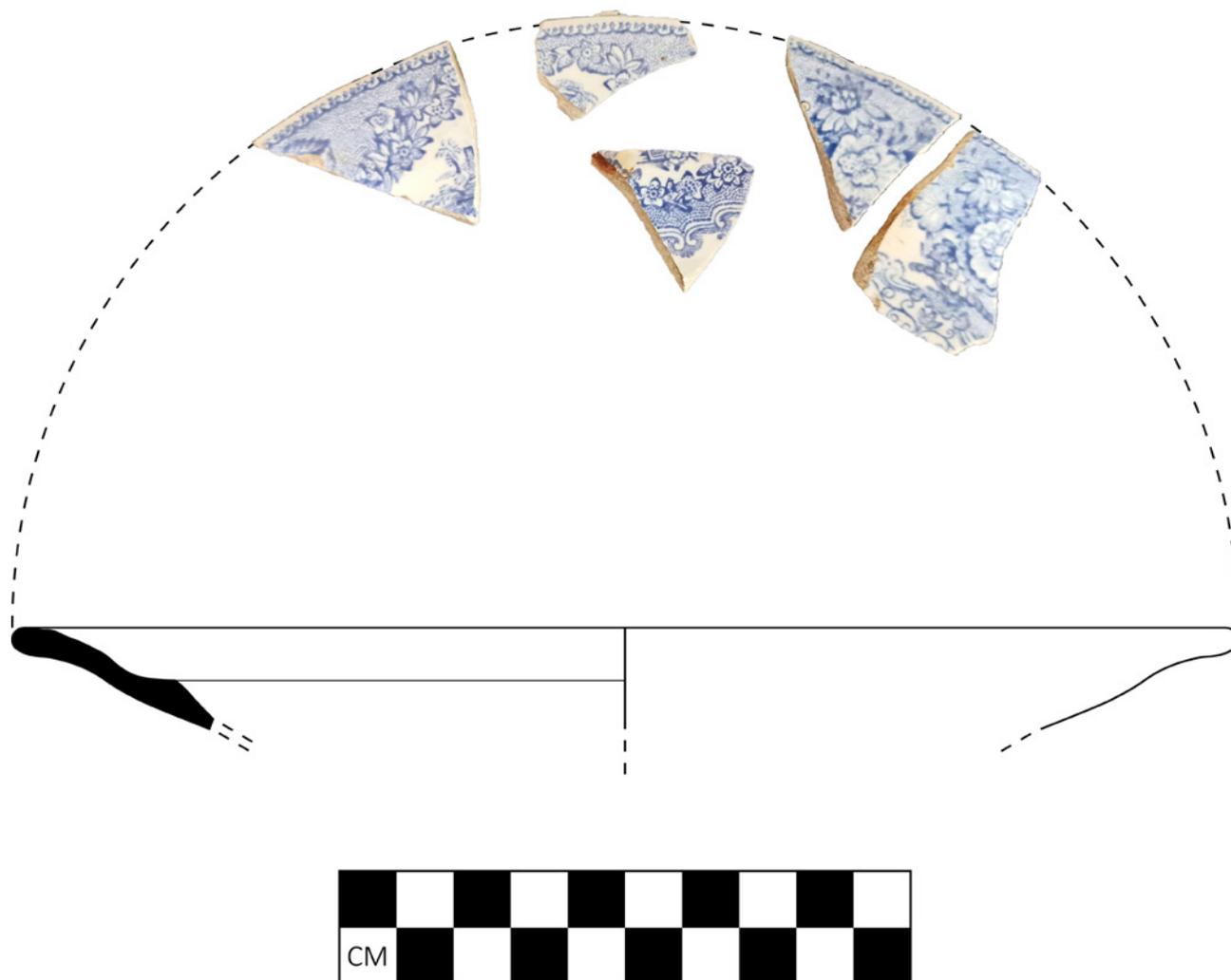
Em Lisboa, um dos locais seleccionados para este artigo foi a intervenção arqueológica dos Terraços do Carmo. A extensa área intervencionada identificou ocupações de diversas épocas, nomeadamente contextos de deposição de meados e finais do século XIX que foram interpretados como lixeiras e aterros de

diversas épocas. Era uma zona de conventos pelo que os objectos encontrados se não directamente relacionados com a ocupação conventual encontram-se numa zona de proximidade. Esta pode ser uma das razões por que a quantidade e qualidade dos objectos diminui na segunda metade do século XIX, após a extinção das ordens religiosas (1834). Os estratos onde foram identificadas as cerâmicas britânicas correspondem sobretudo a aterros e abandonos de áreas ainda durante a primeira metade do século XIX. A presença residual de cerâmica estampada de produção portuguesa revela uma cronologia anterior a, pelo menos, 1870, momento em que a produção aumenta exponencialmente. A natureza do contexto não nos permite inferir sobre características económicas e sociais além de ser uma zona privilegiada, ainda que a variedade social seria certamente elevada. A nossa análise do sítio é recente e não houve ainda disponibilidade para uma publicação dos materiais arqueológicos atendendo à possibilidade de fornecerem informações sociais, culturais e económicas. Contudo, o inventário dos mesmos já se encontra efectuada. A louça estampada britânica corresponde a 69 peças, dividindo-se este número entre 32 pratos, 23 taças e 14 chávenas (Fig. 3). Este número diz respeito a uma ínfima parte da colecção. No total os contextos contemporâneos dos Terraços do Carmo resultaram em 754 peças de louça de mesa, 496 dos quais pratos, 216 taças e 56 chávenas.

A escavação arqueológica da Rua do Vale foi recentemente abordada de forma monográfica numa disser-



**FIG. 3** Fragmentos de prato com a “Mushroom picker” taça com “girl with dog” – Terraços do Carmo.



**FIG. 4** Prato com aba decorada com “floral patterns” encontrado na Rua do Vale (seg. Leão, 2021).

tação de mestrado (Leão 2021). A cultura material associada ao local corresponde ao lixo produzido naquele prédio e atirado para o saguão, nas traseiras do edifício. As camadas analisadas correspondem a uma datação sensivelmente entre 1860 e 1920, momento em que já se produzia louça estampada em Portugal, pelo que a louça estampada britânica está longe de ser predominante. Num total de 379 objectos que podemos classificar como louça de mesa, apenas 25 são decorados com esta técnica e destes apenas podemos confirmar a origem britânica em 16 recipientes, ou seja de 5 chávenas, 1 jarro, 8 pratos e 2 tigelas (Fig. 4). O número diminuto destes objectos pode ter muitas interpretações, mas atendendo às características sociais e económicas do local é possível que esteja relacionado com a falta de capacidade económica dos seus habitantes.

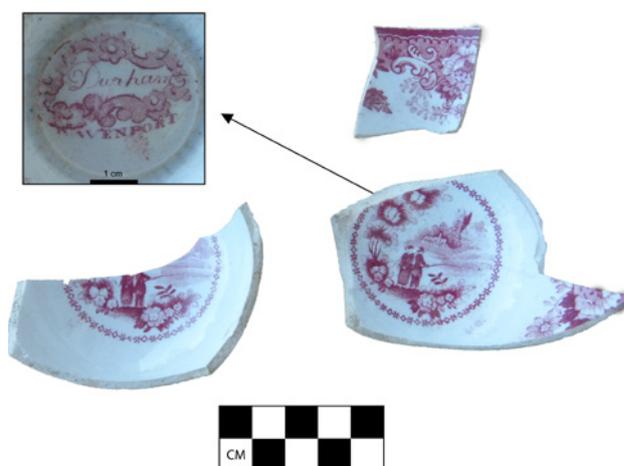
A escavação efectuada na Duna Malha da Costa (Grândola) identificou o que foi interpretado, com

base nas evidências arqueológicas e cartográficas, como sendo uma aldeia de pescadores localizada na Península de Tróia (Casimiro *et al.* 2020). Estima-se que o local tenha sido ocupado sensivelmente entre 1850 e 1920, momento em que foi abandonado por razões ainda desconhecidas. Ao contrário dos outros locais, localizados em ambientes urbanos, este corresponde a um local com características próprias, bem diferentes dos outros locais mencionados neste texto, sobretudo por se encontrar longe de áreas urbanas. Ainda que o estudo do local esteja numa fase preliminar foram recuperados centenas de recipientes em cerâmica. A louça de mesa corresponde na sua maioria a produções nacionais com escassas importações. Num total de 426 recipientes correspondentes a louça de mesa, divididos em 376 pratos e 50 taças foram apenas recuperados 11 objectos britânicos, 7 pratos e 4 taças, com fragmentos de reduzido tamanho.

**TABELA 1** DISTRIBUIÇÃO DE LOUÇA ESTAMPADA BRITÂNICA POR SÍTIO ARQUEOLÓGICO

LOCAL	PRATOS	TAÇAS	CHÁVENAS	JARROS	TOTAL LOUÇA BRITÂNICA	TOTAL LOUÇA DE MESA
Rua Latino Coelho	4	9	4	–	17 (18%)	93
Terraços do Carmo	32	23	14	–	69 (9%)	754
Rua do Vale	8	2	5	1	16 (4%)	379
Duna Malha da Costa	7	4	–	–	11 (3%)	426

A variedade formal e decorativa da cerâmica estampada britânica identificada em Portugal revela que aquela era feita em diversas partes do Reino Unido. Contudo, algumas vezes, temos a felicidade de encontrar uma marca, por norma localizada no tardo. Nas quatro colecções aqui analisadas foram apenas reconhecidas duas marcas uma delas revelando a marca DEVON-PORT e a outra SPODE. Estão estampadas em dois dos objectos encontrados no Terraços do Carmo. Estas duas unidades produtivas localizavam-se na área de Stoke-on-Trent – a zona onde se efectuava a maior parte da produção. Ainda que não incluídas nesta colecção, existem marcas de outros produtores, tais como AMOY, CTM POTTERY, BARKER POTTERY, entre outras.



**FIG. 5** Fragmentos de taças com a abadia de Durham encontrados na Rua dos Condes (fotografia por Cristina Gameiro).

### 3. AS DECORAÇÕES

Uma das características mais marcantes da louça estampada britânica é a sua decoração fina e delicada. A identificação destes padrões foi feita com recurso à base de dados do *Transferware Collectors Club*, o mais vasto e actualizado repositório existente (<https://www.transferwarecollectorsclub.org/>). A nova tecnologia de produção permitiu um aumento no número de objectos decorados em proporções até então nunca vistas. As decorações passaram a ser minuciosas e rápidas de executar. Apostavam em paisagens com edifícios, pessoas e animais. Ainda que predominassem as paisagens bucólicas foram igualmente produzidas imagens de cidades ou de personagens isolados. Quando os fragmentos são de reduzida dimensão é difícil conseguir atribuir-lhes uma decoração concreta. No entanto, sempre que possível, são inseridos numa categoria generalista.

A cor predominante é o azul no seguimento de uma tradição oriunda da ampla divulgação da porcelana



**FIG. 6** Prato com o “blue Willow Pattern” recuperado em Lisboa (fotografia por Nuno Dias).

chinesa na Europa, ainda que peças mais raras apresentem decoração a vermelho, verde e preto (Fig. 5).

Nas quatro colecções que analisamos predomina em grande proporção o que foi convencionalizado chamar-se de *Blue Willow Pattern* (Fig. 6), presente em todas elas. Este tipo de decoração é comumente encontrado em diversas escavações um pouco por todo o país. A sua designação é obtida através da decoração onde um salgueiro de grandes dimensões surge em todos os objectos. Junto a este, um rio onde está um barco e uma ponte onde se encontram três figuras humanas. Junto ao salgueiro surge um pagode. É uma decoração de inspiração oriental. O bordo encontra-se decorado com padrões geométricos numa combinação com alguns elementos vegetalistas. Juntamente com pagodes ou templos orientais surgem outros edifícios (Fig. 7), em ruínas, tais como castelos ou abadias.

Associadas a estas ruínas são frequentes as paisagens bucólicas onde aparecem representados diversos animais. Nas colecções analisadas a maior parte corresponde ao que é designado de "*Domestic cattle*", "*bull and goat*". A interacção entre seres humanos e animais ocorre em diversos objectos ainda que só a tenhamos identificado no "*girl with dog*" (Fig. 3) ou no "*boy riding a buffalo*" (Fig. 2). Os personagens também interagem com a natureza tal como no "*Mushroom picker*" (Fig. 3).

As decorações ditas de padrões florais encontram-se entre as mais frequentes, ainda que seja difícil muitas vezes reconhecer o seu padrão devido à dimensão do fragmento. É difícil fazer uma contabilização das mesmas porque se encontram em praticamente todos os recipientes pelo que iriam certamente influenciar erradamente a contagem, visto que por norma a contabilização do padrão relaciona-se com a decoração do interior do prato e não com a aba. No entanto, são comuns as rosas e as camélias, também elas de inspiração oriental, arrumadas em "*flower arrangement*", "*fruit and flowers*", "*pinwheels*", "*chinoiserie flower spray*" (Fig. 8) e "*Floral and Botanical border*", revelando a variedade decorativa.

Esta variedade de decorações reflecte uma variedade de símbolos que mostra a variedade dos temas que existiam nos ambientes domésticos portugueses. A exploração semiótica de cada símbolo, ou o seu significado cultural e ideológico, deverá sempre ser integrada no contexto onde foi encontrado. Só assim, relacionando o objecto enquanto símbolo e agente de



**FIG. 7** Prato com decoração de Templo Oriental encontrado na Rua Latino Coelho.



**FIG. 8** Prato com "chinoiserie flower spray" encontrado na Rua Latino Coelho.

uma relação com outros objectos ou pessoas podemos compreendê-lo (Bouissac 2003). Nesse sentido os objectos estudados neste texto têm sempre de ser reconhecidos enquanto agentes de domesticidade e reflexo de uma identidade que poderá estar relacionada com características tão dispareas como género ou idade. Os contextos analisados mostram que a cerâmica

estampada britânica é um símbolo doméstico que, em maior ou menos número, se encontra presente no quotidiano dos habitantes/utilizadores destes espaços.

#### 4. A CERÂMICA ESTAMPADA BRITÂNICA EM PORTUGAL NO CONTEXTO ATLÂNTICO

A cerâmica britânica é possivelmente um dos elementos de cultura material mais distribuídos no globo, pelo que a sua presença em Portugal, sobretudo devido à relação próxima do ponto de vista político e comercial que o país mantinha com a Grã-Bretanha, não é inesperada. A presença de cerâmica produzida na Grã-Bretanha não se limita aos objectos em *Transferware*. São frequentemente encontrados pratos, taças, chávenas e terrinas em *creamware*, *pearlware*, *ironstone*, *basalt ware*, *slipware* que, em casos especiais, tal como acontece na Rua Latino Coelho, corresponde à maior parte da colecção. A distinção entre estes tipos de produções não nos parece fundamental para o estudo da cerâmica estampada ao momento, contudo apresentam diferenças ténues relacionadas com a tecnologia de produção (Miller – Hunter 2001). Este é um caso único até ao momento no panorama português visto que na maior parte dos contextos a cerâmica britânica nunca corresponde à maior parte dos objectos. Entre 1780 e 1920 (datas em que balizamos este estudo), a cerâmica predominante corresponde às produções nacionais.

É assim rara nos contextos de finais do XVIII onde o tipo de cerâmica de importação que impera, também ela britânica, é sobretudo o *salt-glazed ware* e *creamware*. A partir de 1800 em diante é já mais frequente, mas nunca em grandes quantidades quando comparada com a restante colecção. No sítio mais abastado economicamente que apresentamos nesta colecção, em Almada, a cerâmica estampada corresponde a 18%, enquanto na colecção e na Rua do Vale, um dos menos abastados corresponde apenas a 4%. A sua presença na Duna Malha da Costa, um local não urbano e já de finais do século XIX, é puramente residual. Nos Terraços do Carmo a sua quantidade é igualmente diminuta, mas tratando-se de um local de aterro não podemos tirar grandes conclusões a não ser que não é muito frequente.

Os valores de cerâmica estampada nos contextos arqueológicos aumentam exponencialmente quando

a fábrica de Sacavém começa a produzir a partir de meados do século XIX, à qual se juntam outras algum tempo depois tais como a fábrica das Janelas Verdes ou de Alcântara. A colecção da Duna Malha da Costa revela isto num contexto não urbano, contudo um exemplo semelhante pode ser visto na escavação que foi efectuada numa lixeira na Quinta do Almaraz em Almada, datada sensivelmente entre 1890 e 1910. Ainda que tenham sido recuperados 121 pratos com decoração estampada apenas um correspondia a uma importação britânica, produzida na fábrica COPELAND (Capote *et al.* 2020).

Os quatro contextos analisados, ainda que permitam uma primeira abordagem ao tema do ponto de vista da existência e percentagem, não nos permitem tirar uma conclusão absoluta, contudo, conjugando esta informação com dados obtidos através de contacto com colegas arqueólogos que escavam frequentemente em contextos contemporâneos em Lisboa, é possível determinar que este tipo de cerâmica é raro nos contextos do século XIX. Não nos parece que esta ausência esteja de alguma forma relacionada com dificuldades nos contactos comerciais com o território de origem destes objectos que, mais que frequentes, eram constantes. O valor destas peças seria variável, mas nunca exagerado, como já foi mencionado por alguns autores (Mullins *et al.* 2013), mas o valor económico nunca é o único factor determinante na aquisição de objectos desta natureza. As questões sociais, políticas e ideológicas encontram-se intrinsecamente conectadas com o consumo destes objectos, utilizados como símbolos de poder, identidade e ideologia (Bridges – Gallardo Mejía 2013). O alargamento do estudo a outros contextos irá permitir o desenvolvimento destas questões, sobretudo através da comparação das decorações, elementos semióticos que passam mensagens relacionadas com o conservadorismo, império e globalização. Não será por acaso que na Rua Latino Coelho, cujo contexto foi formado num momento em que a produção artesanal ainda é predominante nas cerâmicas portuguesas, a maior parte da colecção seja importada. A sua fraca incidência nos contextos domésticos faz-nos acreditar que ocuparia um papel fundamental na domesticidade urbana portuguesa sobretudo na primeira metade do século XIX. As decorações florais são motivos recorrentes na louça de mesa em Portugal desde, pelo menos, o século XVI,

revelando uma continuidade nas práticas culturais, uma apropriação cultural dos símbolos orientais. Este fenómeno não se limitou a Portugal tendo ocorrido em diversos países europeus (Gerritsen 2016).

Existem já diversos estudos efectuados relativamente aos Estados Unidos e à América Latina relativamente a cerâmica britânica, contudo tais análises ainda não se encontram feitas para os países europeus. Quando analisamos o comércio Atlântico de cerâmica estampada britânica notamos que a louça encontrada em Portugal é muito semelhante à dos países da América Latina (Brooks – Rodríguez 2012; Brooks *et al.* 2019) pelo que poderíamos concluir que Portugal se encontra enquadrado dentro do que era exportado e consumido no Atlântico. Esta vai ser a conclusão que teremos de reter enquanto não surgirem estudos sobre o consumo em países tais como Espanha, França ou Itália que poderão confirmar ou contrariar esta conclusão.

Queremos por fim salientar que nenhum estudo arqueológico pode ser desassociado do momento em que foi executado. Este projecto teve início em Janeiro de 2020. A situação pandémica que se abateu sobre todos nós levou a que o nosso objectivo de estudo ficasse limitado a quatro contextos, muito além do plano inicial que nos faria reconhecer um panorama mais alargado. Mesmo assim, sentimos que devíamos apresentar publicamente os resultados até aqui obtidos, motivando outros arqueólogos a desenvolver novos rumos na investigação portuguesa.

### Agradecimentos

Este trabalho foi financiado através das Paul and Gladys Richards Charitable Foundation Grants for the Research of British Transferware do Transferware Collectors Club. Este trabalho é igualmente financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito da Norma Transitória [DL57/2016/CP1453/CT0084].

Gostaríamos ainda de agradecer ao António Marques (Centro de Arqueologia de Lisboa), por nos ter disponibilizado a colecção dos Terraços do Carmo. Aos arqueólogos do Município de Almada (Sérgio Rosa, Telmo António e Fernando Henriques) que executaram a escavação na Rua Latino Coelho. Um agradecimento à empresa Neoépica pela disponibilização das fotografias incluídas neste artigo, bem como à Cristina Gameiro pela foto disponibilizada.

### Bibliografia

- ARAÚJO, J. – OLIVEIRA, N. (2020) – Uma (pequena) janela, aberta pela Arqueologia, sobre o quotidiano urbano micaelense do final de oitocentos (São Miguel, Açores). In CASIMIRO, T. M. – SEQUEIRA, J. L. (eds.) – *Arqueologia Contemporânea em Portugal (séculos XIX e XX)*. Lisboa, 91-122.
- ASSUNÇÃO, A. (1997) – *A Fábrica de Louça de Sacavém*. Lisboa.
- BOUISSAC P. (2003) – Bounded Semiotics: From Utopian to Evolutionary Models of Communication. In GAZENDAM H. W. M. – JORNA R.J. – CIJSOUW R.S. (eds.) – *Dynamics and Change in Organizations*. Dordrecht, 15-36.
- BRIDGES, L. – GALLARDO MEJÍA, F. R. (2019) – Portrait of a Port: The Objects of Industry in Nineteenth-Century Acajutla, El Salvador (1805–1900), In ORSER Jr., C. (eds.) – *Archaeologies of the British in Latin America*. New York, 37-54.
- BROOKS, A. (2005) – *An archaeological guide to British ceramics in Australia 1788-1901* Sydney.
- BROOKS, A. – CONNOR, A. – CLARKE, R. (2015) – At the Centre of the Web: Later Eighteenth and Nineteenth-Century Ceramics from Huntingdon Town Centre in an International Context. In BROOKS, A. (ed.) – *The Importance of British Material Culture to Historical Archaeologies of the Nineteenth Century*. Lincoln, 29-68.
- BROOKS, A. – RODRÍGUEZ, A. (2012) – A Venezuelan household clearance assemblage of 19th-century British ceramics in international perspective. *Post-Medieval Archaeology*. 46(1), 70-88
- BROOKS, A. – URBINA, S. – ADÁN, L. – SEPULVEDA, V. – CHIAVAZZA, H. – ZORRILLA, V. (2019) – The Nineteenth-Century British Ceramics Trade to Southwestern South America: An Initial Characterization of the Archaeological Evidence from Chile. In ORSER Jr., C. (ed.) – *Archaeologies of the British in Latin America*. New York, 55-71
- CAPOTE, M. – SEQUEIRA, J. L. – BARROS, L. – CASIMIRO, T. M. (2020) – Uma lixeira contemporânea na Quinta do Almaraz em Almada (1890-1910) e a importância da gestão dos lixos urbanos. In CASIMIRO, T. M. – SEQUEIRA, J. L. (eds.) – *Arqueologia Contemporânea em Portugal (séculos XIX e XX)*, Lisboa, 123-142.
- CASIMIRO, T. M. – BISCAIA, F. – MARTINS, A. M. – MONTEIRO, A. (2020) – Comunidade e identidade marítima. Uma aldeia de pescadores na Península de Tróia nos finais do século XIX. In CASIMIRO, T. M. – SEQUEIRA, J. L. (eds.) – *Arqueologia Contemporânea em Portugal (séculos XIX e XX)*. Lisboa, 49-64.
- CASIMIRO, T. M. – COUTINHO, I. – ROCHA, S. (no prelo) – Public house or private rooms? A late 18th/early 19th century establishment in Almada (Portugal). *Journal of Post-Medieval Archaeology*.
- CASIMIRO, T. M. – SEQUEIRA, J. L. (2019) – Os deuses devem estar loucos... ou a emergência de uma Arqueologia Contemporânea em Portugal. *Almadan Online*. 22(3), 88-97.
- CASIMIRO, T.M. – SEQUEIRA, J. L. (2020) – *Arqueologia contemporânea em Portugal (séculos XIX e XX)*. Lisboa.
- CROOK, P. (2015) – Home-Made: Exploring the Quality of British Domestic Goods in Nineteenth-Century Urban Assemblages. In BROOKS, A. (eds.) – *The Importance of British Material Culture to Historical Archaeologies of the Nineteenth Century*. Lincoln, 305-334.
- DIAZ-ANDREU, M. – LUCY, S. – BABIC, S. – EDWARDS, D. (2005) – *Archaeologies of Identity. Approaches to gender, Age, Status, Ethnicity and Religion*. Londres.

- FLEXNER, J. – BALL, A. (2016) – Sherds of Paradise: Domestic Archaeology and Ceramic Artefacts from a Protestant Mission in the South Pacific. *European Journal of Archaeology*. 19(4), 728-754.
- FLOOR, W. – OTTE, J. (2019) – European Ceramics in Iran in the 19<sup>th</sup> and early 20<sup>th</sup> centuries. *American Ceramic Circle Journal*. XX, 117-143.
- GERRITSEN, A. (2016) – Domesticating Goods from Overseas: Global Material Culture in the Early Modern Netherlands. *Journal of Design History*. 29(3), 228-244.
- HARRIS, O. (2012) – (Re)assembling communities. *Journal of Method and Theory*. 21, 76–97.
- LEÃO, A. (2021) – *Arqueologia de um Espaço Doméstico Lisboaeta: a Rua do Vale entre o Final do século XIX e o início do século XX*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- MILLER, H. – HUNTER, R. (2001) – How Creamware got the blues: The origins of China Glaze and Pearlware. In: *Ceramics in America 2001*. Disponível on-line em <http://www.chipstone.org/article.php/11/Ceramics-in-America-2001/How-Creamware-Got-the-Blues-The-Origins-of-China-Glaze-and-Pearlware>. Consultado a 23-04-2021.
- MULLINS, P. R. – YLIMAUNU, T. – BROOKS, A. – KALLIO-SEPPÄ, T. – KUORILEHTO, M. – NURMI R. (2013) – British ceramics on the northern European periphery: Creamware marketing in nineteenth century northern Finland. *International Journal of Historical Archaeology*. 17, 632–650.
- OTTE, J. (2019) – British Transferware in Indonesia 1800-1915. *TCC Bulletin*. XX(1), 9-15.
- POHL, W. – MEHOFER, M. (2010) – *Archaeology of Identity. Archäologie der Identität*. Vienna.
- SCHÁVELZON, D. (2015) – Transfer Images of Latin America Made by British factories (1830-1930): the case of Argentina Disponível on-line em <https://www.transferwarecollectorsclub.org/research-learning/articles/transferware-images-latin-america-made-british-factories-1830-1930-case>. Consultado a 24-04-2021.

## POLÍTICA EDITORIAL

A *Ophiussa* – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa foi iniciada sob a direcção de Victor S. Gonçalves em 1996, tendo sido editado o volume 0. O volume 1 (2017) é uma edição impressa e digital da UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.

O principal objectivo desta revista é a publicação e divulgação de trabalhos com manifesto interesse, qualidade e rigor científico sobre temas de Pré-História e Arqueologia, sobretudo do território europeu e da bacia do Mediterrâneo.

A *Ophiussa* – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa publicará um volume anual. A partir de 2018, os artigos submetidos serão sujeitos a um processo de avaliação por parte de revisores externos (peer review). O período de submissão de trabalhos decorrerá sempre no primeiro trimestre e a edição ocorrerá no último trimestre de cada ano.

A revista divide-se em duas secções: artigos científicos e recensões bibliográficas. Excepcionalmente poderão ser aceites textos de carácter introdutório, no âmbito de homenagens ou divulgações específicas, que não serão submetidos à avaliação por pares. Isentas desta avaliação estão também as recensões bibliográficas.

Todas as submissões serão avaliadas, em primeira instância, pela Coordenação Editorial, no que respeita ao seu conteúdo formal e à sua adequação face à política editorial e às normas de edição da revista. Os trabalhos que cumprirem estes requisitos serão posteriormente submetidos a um processo de avaliação por pares cega / *blind peer review* (mínimo de dois revisores). O Conselho Científico, constituído pela direcção da UNIARQ e por investigadores externos, acompanhará o processo de edição.

Esta etapa será concretizada por investigadores externos qualificados, sendo os respectivos pareceres entregues num período não superior a três meses. Os revisores procederão à avaliação de forma objectiva, tendo em vista a qualidade do conteúdo da revista; as suas críticas, sugestões e comentários serão, na medida do possível, construtivos, respeitando as capacidades intelectuais do(s) autor(es). Após a recepção dos pareceres, o(s) autor(es) tem um prazo máximo de um mês para proceder às alterações oportunas e reenviar o trabalho.

A aceitação ou recusa de artigos terá como únicos factores de ponderação a sua originalidade e qualidade científica. O processo de revisão é confidencial, estando assegurado o anonimato dos avaliadores e dos autores dos trabalhos, neste último caso até à data da sua publicação.

Os trabalhos só serão aceites para publicação a partir do momento em que se conclua o processo da revisão por pares. Os textos que não forem aceites serão devolvidos aos seus autores. O conteúdo dos trabalhos é da inteira respon-

sabilidade do(s) autor(es) e não expressa a posição ou opinião do Conselho Científico ou da Coordenação Editorial. A Revista *Ophiussa* segue as orientações estabelecidas pelo *Committee on Publication Ethics* (COPE, Comité de Ética em Publicações): <https://publicationethics.org/>.

O processo editorial decorrerá de forma objectiva, imparcial e anónima. Erros ou problemas detetados após a publicação serão investigados e, se comprovados, haverá lugar à publicação de correções, retratações e/ou respostas. As colaborações submetidas para publicação devem ser inéditas. As propostas de artigo não podem incluir qualquer problema de falsificação ou de plágio. Para efeito de detecção de plágio será utilizada a plataforma URKUNDU (<https://www.arkund.com/pt-br/>).

As ilustrações que não sejam do(s) autor(es) devem indicar a sua procedência. O Conselho Científico e a Coordenação Editorial assumem que os autores solicitaram e receberam autorização para a reprodução dessas ilustrações, e, como tal, rejeitam a responsabilidade do uso não autorizado das ilustrações e das consequências legais por infracção de direitos de propriedade intelectual.

É assumido que todos os Autores fizeram uma contribuição relevante para a pesquisa reportada e concordam com o manuscrito submetido. Os Autores devem declarar de forma clara eventuais conflitos de interesse. As colaborações submetidas que, direta ou indiretamente, tiveram o apoio económico de terceiros, devem claramente declarar essas fontes de financiamento.

Os textos propostos para publicação devem ser inéditos e não deverão ter sido submetidos a qualquer outra revista ou edição electrónica. Aceitam-se trabalhos redigidos em português, inglês, espanhol, italiano e francês.

Esta edição disponibiliza de imediato e gratuitamente a totalidade dos seus conteúdos, em acesso aberto, de forma a promover, globalmente, a circulação e intercâmbio dos resultados da investigação científica e do conhecimento.

A publicação de textos na *Ophiussa* – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa não implica o pagamento de qualquer taxa nem dá direito a qualquer remuneração económica.

Esta publicação dispõe de uma versão impressa, a preto e branco, com uma tiragem limitada, que será distribuída gratuitamente pelas bibliotecas e instituições mais relevantes internacionalmente, e intercambiada com publicações periódicas da mesma especialidade, que serão integradas na Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Conta, paralelamente, com uma versão digital, a cores, disponibilizada no endereço [www.ophiussa.letras.ulisboa.pt](http://www.ophiussa.letras.ulisboa.pt), onde se pode consultar a totalidade da edição.

Para mais informações: [ophiussa@letras.ulisboa.pt](mailto:ophiussa@letras.ulisboa.pt)

## EDITORIAL POLICY

*Ophiussa* – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa started in 1996, with the edition of volume 0. From 2017, this journal is a printed and digital edition of UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.

The main objective of this journal is the publication and dissemination of papers of interest, quality and scientific rigor concerning Prehistory and Archeology, mostly from Europe and the Mediterranean basin.

*Ophiussa* – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa will publish an annual volume. From 2018, submitted articles will be subject to a peer-review evaluation process. The submission period will always occur in the first quarter of each year and the edition will occur in the last quarter.

The journal is divided into two sections: scientific articles and bibliographic reviews. Exceptionally, texts of an introductory nature may be accepted, in the context of specific tributes or divulgations, which will not be submitted to peer-review evaluation. Exemptions from this evaluation are also the bibliographic reviews.

All submissions will be considered, in the first instance, by the Editorial Board, regarding its formal content and adequacy in face of the editorial policy and the journal's editing standards. Papers that meet these requirements will subsequently be submitted to a blind peerreview process (minimum of two reviewers). The Scientific Council, constituted by the directors of UNIARQ and external researchers, will follow the editing process.

This stage will be carried out by qualified external researchers, and their feedback will be delivered within a period of no more than two months. The reviewers will carry out the evaluation in an objective manner, in view of the quality and content of the journal; their criticisms, suggestions and comments will be, as far as possible, constructive, respecting the intellectual abilities of the author(s). After receiving the feedback, the author(s) has a maximum period of one month to make the necessary changes and resubmit the work.

Acceptance or refusal of articles will have as sole factors of consideration their originality and scientific quality. The review process is confidential, with the anonymity of the evaluators and authors of the works being ensured, in the latter case up to the date of its publication.

Papers will only be accepted for publication as soon as the peer review process is completed. Texts that are not accepted will be returned to their authors. The content of the works is entirely the responsibility of the author(s) and does not express the position or opinion of the Scientific Council or Editorial Board. The Journal *Ophiussa* follows the guidelines established by the Committee on Publication Ethics (COPE, the Ethics Committee Publications): <https://publicationethics.org/>

The editorial process will be conducted objectively, impartially and anonymously. Errors or problems detected after publication will be investigated and, if proven, corrections, retractions and / or responses will be published. Contributions submitted for publication must be unpublished. Article submissions can not include any problem of forgery or plagiarism. In order to detect plagiarism, the URKUNDU platform will be used.

Illustrations that are not from the author(s) must indicate their origin. The Scientific Council and Editorial Board assume that the authors have requested and received permission to reproduce these illustrations and, as such, reject the responsibility for the unauthorized use of the illustrations and legal consequences for infringement of intellectual property rights.

It is assumed that all Authors have made a relevant contribution to the reported research and agree with the manuscript submitted. Authors must clearly state any conflicts of interest. Collaborations submitted that directly or indirectly had the financial support of third parties must clearly state these sources of funding.

Texts proposed for publication must be unpublished and should not have been submitted to any other journal or electronic edition. Works written in Portuguese, English, Spanish, Italian and French are accepted.

The publication of texts in *Ophiussa* – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa does not imply the payment of any fee nor does it entitle to any economic remuneration.

This edition immediately and freely provides all of its content, in open access, in order to promote global circulation and exchange of scientific research and knowledge. This publication has a limited printed edition in black and white, which will be distributed free of charge by the most relevant international libraries and institutions, and exchanged with periodicals of the same specialty, which will be integrated in the Library of Faculdade de Letras of Universidade de Lisboa. It also has a digital version, in color, available at address <http://ophiussa.letras.ulisboa.pt>, where one can consult the entire edition.

For more information contact: [ophiussa@letras.ulisboa.pt](mailto:ophiussa@letras.ulisboa.pt)

## ÍNDICE

O tecno-complexo Acheulense em Portugal: contribuição para um balanço dos conhecimentos	5
CARLOS FERREIRA, JOÃO PEDRO CUNHA-RIBEIRO, EDUARDO MÉNDEZ-QUINTAS	
Brief overview of zooarchaeological research within the framework of Middle Palaeolithic subsistence theories	31
MARIANA NABAIS	
A distribuição espacial dos materiais líticos da UE003 do Rodo: testemunho de reocupações do sítio ao longo do Tardiglacial?	47
CRISTINA GAMEIRO, THIERRY AUBRY, BÁRBARA COSTA, SÉRGIO GOMES, YANN LE JEUNE, CARMEN MANZANO, MAURIZIO ZAMBALDI	
O sítio do Neolítico Antigo de Montum de Baixo (Melides – Alentejo Litoral)	63
JOAQUINA SOARES, CARLOS TAVARES DA SILVA, SUSANA DUARTE	
A economia alimentar em Chibanes (Setúbal) – horizonte campaniforme	103
JOÃO LUÍS CARDOSO, CARLOS TAVARES DA SILVA, JOAQUINA SOARES, FILIPE MARTINS	
Luto en la cara: ablaciones de duelo en el Mediterráneo Ancestral	131
ÁLVARO GÓMEZ PEÑA, JOSÉ LUIS ESCACENA CARRASCO	
Dois conjuntos anfóricos do Castelo de São Jorge (Lisboa): Largo de Santa Cruz do Castelo e Pátio José Pedreira	155
VICTOR FILIPE	
A face romana de Santa Olaia (Figueira da Foz, Portugal) – uma leitura possível a partir da cultura material	183
RICARDO COSTEIRA DA SILVA, SARA OLIVEIRA ALMEIDA, ISABEL PEREIRA	
Cerâmica estampada britânica em Portugal (1780-1920). Identidade, domesticidade e relações	207
TÂNIA CASIMIRO, INÊS CASTRO, TIAGO SILVA	
Recensões bibliográficas	217
(TEXTOS: JOÃO LUÍS CARDOSO, ANA CATARINA SOUSA, VICTOR S. GONÇALVES, FRANCISCO B. GOMES, PEDRO ALBUQUERQUE, LEYRE MORGADO-RONCAL)	
Política editorial	235
Editorial policy	243